

# a SEMANA dia a dia

## NOTA DE ABERTURA

### IMPrensa E SENSACIONALISMO

Rir constitui um direito da personalidade individual, mas também pode ser «abuso de direito», nomeadamente nos casos em que há «rir de». Aprenda esta admirável doutrina na sebeta de um mestre de uma Faculdade de Lisboa (adivinha quem souber!) Se não me «ri de», receoso de abusar do direito, não deixei de «sorrir com», mas a medo, com cautela, temendo as investidas de algum misterioso e kafkiano polícia de risos, sorrisos e gargalhadas... Também, hoje, falei de «abuso de direito». Não do direito ao riso que, até mais ver!, só no domínio da ficção científica ou (talvez) da paranoia parece ser actualmente contestável. Refiro-me ao «abuso de liberdade de Imprensa».

Por esse delito, foram incriminados esta semana as autoras do livro «Novas Cartas Portuguesas» e o arqt. João Abel Manta, este último em virtude de um «poster» que desenhou para o «Diário de Lisboa». Em ambos os casos, as reacções que vieram a determinar o procedimento judicial foram imediatas. O que nem constitui razão para surpresas. No primeiro caso, o protesto fez-se em nome da pureza dos costumes; no segundo, em nome da ideia de Pátria e da bandeira nacional. E, no entanto, a nossa vida jornalística abunda em vasos de «abuso de liberdade de Imprensa», que constituem verdadeiros atentados à seriedade da informação, mas passam perfeitamente à margem da atenção de certas almas sensíveis e até são apresentados como exemplo de exercício expedito e digno da profissão de jornalista.

Penso nas tentativas de exploração comercial da vida privada dos indivíduos, nos esforços desenvolvidos com o intuito de devassar a intimidade alheia, na caça do escândalo sensacional e rendoso. Recordo-me, por exemplo, do jornalista desportivo que explorou miseravelmente (é bem o termo!) a vida privada de um conhecido futebolista e da sua família, numa longuíssima entrevista onde se passava a pente fino questões pessoais do jogador, explorando a sua impreparação, incultura e boa-fé. Desde as suas relações com a mulher, com os amigos, até aos filhos e ao orçamento familiar, todos os assuntos ligados com a crise familiar desse antigo atleta foram pormenorizadamente focados, da maneira mais chocante e desonesta, sob a capa dos apelos comovidos à caridade pública benfiquista e dos elogios dos êxitos futebolísticos do passado. Ora, nessa altura, ninguém apareceu a defender os segrados princípios da família. E nem vale a pena perguntar porquê.

Esta semana tivemos notícia de outras tentativas para negar o direito de cada qual à intimidade, para descobrir e explorar o «outro lado da questão», o crimezinho-que-faz-vender-o-jornal. Foi a propósito do acidente de Cascais, na Boca do Inferno, durante a madrugada de sábado transacto, em que morreram, arrastados por uma onda, seis dos dez jovens que lá se encontravam. Declarou ao «Diário de Lisboa» um dos sobreviventes da tragédia:

«Fomos então assediados pelos jornalistas. Só queriam saber o que tínhamos feito antes. A única coisa que eu quero que se conclua é que ninguém se preocupou com o facto de termos perdido seis amigos. Tudo o que querem é encontrar um aspecto escabroso, misterioso e ilegal numa reunião que nada tinha a ver com isso. Não consigo compreender qual a função de determinada Imprensa sensacionalista que ao informar da realidade dos factos não respeita a dor dos pais e amigos e insinua através de entrevistas-fantasma, factos não verdadeiros transformando um convívio alegre e normal entre jovens em reuniões misteriosas e reprovativas».

Não sabemos de que jornalista se trata, nem quais os órgãos de informação em causa, mas conhecemos a mentalidade provinciana e agressiva, mentecapta mas eficiente, que está na origem desse procedimento. E o jornalista concebido como polícia de costumes e escândalos domésticos. E essa mentalidade — incrementada por certos jornais — que origina tantos crimes de «abuso de liberdade de Imprensa», que ficam geralmente impunes e bem remunerados!

Ainda não há muitos meses, foi publicado um diploma legislativo sobre a protecção da intimidade da vida privada dos cidadãos.

Só que a questão não se resolve apenas com leis. O problema é mais vasto e a sua solução aponta para os domínios da educação, da formação cultural e política. As pessoas puritanas, que se indignam com a falta de respeito aos bons costumes, vêm muitas vezes, com prazer, os atentados à intimidade dos outros. «Não deusesseis a vida alheia» — escreveu há tempos, no nosso jornal, um ilustre advogado português. Mas esse «slogan» não se comprou em eficiência com este outro: «Salvaguardemos a educação das nossas filhas!». Nem a preocupação com a decência das filhas impede certos cidadãos responsáveis de apreciarem, com o devido deleite, os pequenos e mesquinhos escândalos da Imprensa sensacionalista...

A retórica moralista tradicional é operante e corajosa nas suas investidas. Actua eficazmente. É cruel e impiedosa. Não perdoa nem está para complacências. Ao seu serviço existe toda uma seita da hipocrisia, onde ombream, lado a lado, clericalistas e jacobinos, patriotas e internacionalistas, sacerdotes de múltiplas religiões e ortodoxias de diversas paragens, honrados chefes de família e digníssimos proprietários de bordéis.

O «Nouvel Observateur» desta semana relata, com parangonas de primeira página, o processo movido — a instâncias de um coronel, ex-combatente nas guerras da Indochina e da Argélia — contra uma professora de filosofia do ensino liceal, só porque fora lido e comentado na sua aula, a pedido insustentado dos alunos, um panfleto sobre educação sexual. Porém, quantos pequenos «affaire»-Nicole Mercier não existirão por esse mundo afora? Quantas vezes a hipocrisia não triunfa sobre a verdade?

Questões fúteis? Sob esse pretexto, muito boa gente prefere refugiar-se no silêncio e no comodismo, colaborando na manutenção da ditadura da hipocrisia.

Importa que tenhamos a coragem de denunciar as manobras do puritanismo provinciano. Na firme disposição de enfrentarmos serenamente as habituais palavras e obras de misericórdia e caridade pública com que os moralistas profissionais costumam brindar (insultar) os seus adversários. Sem receio de agredirmos o bom-senso reinante.